

**A DEFINIÇÃO DE AFASIA COMO PROBLEMA DE  
METALINGUAGEM:  
NOTAS A PARTIR DA LEITURA DE JAKOBSON**

Carolina Barbosa HEBLING  
(Orientadora): Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

**1. RESUMO:** A noção de metalinguagem foi incorporada aos estudos afasiológicos por Jakobson que definiu o déficit afásico de operar com unidades lingüísticas como a “perda da capacidade de realizar operações metalingüísticas” (1954/60). Para Lebrun (1983), essa definição forneceria melhores contornos explicativos na reflexão sobre o fenômeno afásico, antes considerado um problema de linguagem interna ou de pensamento categorial. Apresentamos aqui uma reflexão abreviada acerca da complexa relação entre os dois conceitos, afasia e metalinguagem, restringindo-nos ao enfoque (lingüístico) pioneiro presente na obra de Jakobson. Nosso intuito é chamar a atenção para algumas conseqüências derivadas do peso epistemológico da noção de metalinguagem na compreensão do fenômeno afásico e para o esforço teórico particular de Jakobson cujas idéias sobre o tema abriam caminho para importantes reflexões teóricas subseqüentes com respeito às patologias da fala a partir de uma abordagem dos estudos da linguagem.

**Palavras-chave:** *Neurolingüística, Afasia, Referenciação, Metalinguagem, Jakobson*

**2. Algumas considerações sobre o autor**

Considerado o pai da Poética e o grande poeta da Lingüística, Roman Ossipovitch Jakobson (1886-1982), juntamente a Ferdinand de Saussure (1857-1913), figura entre os maiores expoentes da teoria lingüística. Entusiasmado pelo estudo da gramática, da poesia e do folclore, freqüentou vários círculos de estudo de literatura e poesia, convivendo de forma muito ativa com as mais importantes personalidades intelectuais de seu tempo. Contudo, a importância maior da obra de Jakobson reside em buscar estabelecer em suas análises sobre o fenômeno lingüístico relações consistentes e solidárias entre forma e conteúdo, processos internos e externos da linguagem.

No contexto extremamente fecundo do Círculo Lingüístico de Praga, do qual Jakobson, juntamente a Troubetzkoy, foi membro-fundador, observa-se como importante desdobramento o movimento teórico efetuado do estruturalismo formalista russo em direção a uma perspectiva funcionalista. A substancial influência do psicólogo vienense Karl Bühler possibilitou à Escola Lingüística de Praga o desenvolvimento de uma concepção dinâmica de

comunicação. Esta concepção, menos redutora quando comparada à saussuriana, sugere um dinamismo comunicativo que “se distribui de maneira desigual nos enunciados que efetivamente utilizamos para fins de comunicação” (Ilari, 2004:69)

O pensamento de Bühler teve especial influência no constructo teórico de Jakobson, proporcionando ao autor base para sua clássica teorização das funções da linguagem. Como o próprio Jakobson esclarece em mais de um de seus artigos dedicados à questão (1956, 1960), três das seis funções postuladas pelo lingüista já estavam presentes no modelo tradicional da língua organizado pelo psicólogo. Em, “A Lingüística em suas relações com as outras ciências” (1970), ao tratar da relação entre a Lingüística e a Psicologia, Jakobson comenta das “marcas significativas” que deixaram as doutrinas psicológicas para a ciência da linguagem, aludindo principalmente a Bühler “que continua sendo para os lingüistas, provavelmente, a mais inspiradora de todas as contribuições à psicologia da linguagem”.

Como descrevem Ducrot e Schaeffer (1995), diante da necessidade de conciliação de uma idéia da linguagem como atividade de comunicação à delimitação saussuriana do estudo sistemático da língua (e não da fala), a solução teórica de Bühler foi a distinção entre ação lingüística e ato lingüístico. A ação lingüística é aquela que utiliza a linguagem; esta “inserção da linguagem na prática humana” se relaciona à *parole* saussuriana. Já o ato lingüístico é concebido por Bühler como um “ato inerente ao fato mesmo de se falar”, independentemente dos empregos em que se insere a *parole*. Como prosseguem os autores, para Bühler, o estudo deste ato faz parte do estudo da língua, constituindo mesmo seu núcleo central. Considerar a influência da teorização bühleriana nas idéias de Jakobson é fundamental, pois nos permite compreender a relação em suas formulações da tradição estruturalista saussuriana com seu interesse pelas bases explicativas das teorias da comunicação e da informação, bases essenciais da particularidade do constructo teórico jakobsoniano.

Quanto ao fenômeno afásico enfatizamos que, empenhado num entendimento amplo dos fenômenos da linguagem, Jakobson vai se interessar pelo funcionamento em certa medida diametral da aquisição e da desintegração da linguagem. Como atenta Morato (2001), “justamente por ferir a norma, a gramaticalidade, os padrões estruturais e funcionais da língua, as afasias dariam solidez empírica à sua teorização sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral” (p.157). A seguir, nos debruçamos sobre as reflexões de Jakobson em torno do fenômeno afásico, de forma a jogar luzes sobre a relação definicional que o autor estabelece entre a afasia e metalinguagem em suas explicações sobre o fenômeno em questão.

### 3. Metalinguagem e afasia em Jakobson

Considerando os potenciais ganhos explicativos advindos da definição de afasia como um problema de metalinguagem e a necessidade de compreensão das bases pelas quais foi admitida pela Neurolingüística, examinamos, em nossa Pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela FAPESP<sup>1</sup>, determinadas implicações derivadas do peso epistemológico da noção de metalinguagem na compreensão da afasia presente na reflexão teórica de Jakobson, perscrutando o ganho explicativo de seu enfoque inaugural, mais propriamente lingüístico, no campo afasiológico. No enfrentamento desse objetivo foram considerados os textos nos quais o autor explora mais explicitamente a afasia como um problema teórico para a Lingüística.

Procedendo a uma recuperação bibliográfica destes textos, identificamos que o interesse pelo fenômeno afásico está presente intermitentemente na obra de Jakobson, de 1941 a 1980. Partindo da reunião das principais obras do autor dedicadas ao tema, textos seminiais para o campo da Neurolingüística, e da análise das ocorrências definicionais de afasia encontradas, pudemos aprofundar a discussão sobre a difícil alocação de Jakobson entre os autores que distinguem linguagem e metalinguagem. A particular orientação teórica de Jakobson, inspirada tanto pelo estruturalismo quanto pelo funcionalismo, condicionou de modo especial sua concepção de metalinguagem, como não deixaram de apontar anteriormente autores como Arrivé (1994) e Morato (2003), o que teve naturalmente conseqüências em sua compreensão do fenômeno afásico.

Diante do número e da complexidade dos textos de Jakobson considerados neste trabalho, optamos por agrupá-los ou reuni-los em torno de certas questões e temas, de forma a apontar sutilezas teóricas que só puderam ser depreendidas por conta da consideração de suas reflexões sobre as afasias no contexto geral de sua produção. Tal esforço nos permitiu observar diferentes ênfases ao longo da produção de Jakobson sobre as afasias. Se na década de 1950, de quando data o célebre “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1954), sua preocupação era principalmente inaugurar um estudo lingüístico do funcionamento das afasias, a discussão empreendida pelos textos uma década depois já se posta como um discurso teórico lingüístico organizado frente ao neuropsicológico tradicional. Convicto da polaridade dos arranjos lingüísticos, Jakobson expande sua classificação em “Towards a linguistic classification of aphasic impairments” (1963), refinando os tipos básicos de afasia para os seis postulados por Luria, postura condizente a seu objetivo de sistematizar

---

<sup>1</sup> FAPESP, processo 05/59544-3, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edwiges Morato (concluído em 2006).

qualitativamente as afasias a partir de critérios que considera puramente lingüísticos.

A discussão sobre a metalinguagem também se modifica ao longo da produção de Jakobson e tal deslocamento apresenta-se como fruto da própria observação do contexto complexo da linguagem afásica. A tomada da afasia como um problema de metalinguagem implica uma outra via explicativa para o fenômeno, antes atribuído a conteúdos internos (ou ao pensamento categorial, Cf. Lebrun, 1983; Françoze, 1987), enfatizando a centralidade dos processos referenciais na fala patológica, assim como o são, de maneira amplamente reconhecidos, na fala não-patológica. Tal movimento teórico permite a Jakobson dar atenção a dados não sistemáticos, vislumbrando os limites das rígidas dicotomias do método estrutural, seja no que toca à íntima relação entre os eixos metafórico e metonímico seja quanto à inseparabilidade dos processos verbais e não-verbais na comunicação. Uma distinção quanto a isso pode ser observada comparando-se “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1954) e “El metalenguaje como problema lingüístico”(1956) ao artigo posterior, “Lingüística e Poética”(1960).

Para Landi (1994), que analisa o deslocamento teórico em relação ao funcionamento da linguagem observado nos textos de Jakobson de 1956 e 1960, há uma “tensão-fusão entre os procedimentos metafórico e metonímico” descritos pelo autor no primeiro texto, diluída no segundo. Segundo a autora, “neste agora apresentado, a relação passa a ser de predominância, com a projeção de um eixo sobre o outro” (p.94).

Em “Lingüística e Poética”, Jakobson argumenta em favor de que a função Poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. Observa-se, então, uma tendência atingida de enfatizar a existência interdependente da similitude e da contigüidade. De maneira retrospectiva, em “Similitude e contigüidade na língua e na literatura, no cinema e na afasia” (1980), o autor reforça a “relação recíproca entre o eixo sintagmático e paradigmático” como fruto também de suas pesquisas sobre a afasia: “é preciso esquecer que não existe barreira intransponível entre similitude e contigüidade, que as duas se combinam”. Assim, Jakobson eleva a idéia da projeção do princípio de equivalência a “recurso constitutivo da seqüência”.

Para Busato (2001), pode-se perceber na obra de Jakobson um movimento teórico que parte da consideração da linguagem como língua (código autoreferenciável) para conferir às operações metalingüísticas um lugar na “esfera do domínio mental”. Ainda segundo a autora, a função metalingüística, sendo da ordem da fala, é vista apenas como expressão externa de conteúdos internos (ou do conceito expresso fonicamente), concepção concernente aos pressupostos estruturalistas.

A posição de Busato se alinha com a perspectiva de Arrivé (1994), segundo o qual a teoria da metalinguagem em Jakobson se reduz a uma teoria da função metalingüística, motivo pelo qual Jakobson é alocado no mesmo grupo de teóricos de Harris, que consideram a metalinguagem interna à língua-objeto. Embora seja pertinente a distinção proposta por Arrivé a respeito de teorias que integram ou separam a metalinguagem da língua, a concepção de Jakobson pareceu-nos muito menos formalista do que a de Harris e procuramos reforçar o caráter substancial, cotidiano, e em parte despercebido, da metalinguagem na comunicação jakobsoniana.

Morato (2003), por sua vez, situa Jakobson entre os teóricos que consideram o componente “meta” existente e independente da linguagem, “tributário de conteúdos cognitivos”. A autora, que parte de uma perspectiva enunciativa da linguagem, identifica na metalinguagem uma incorporação do “trabalho intersubjetivo realizado pelos sujeitos em meio às práticas discursivas”, considerando uma relação de constitutividade entre processos de significação verbais e não-verbais. Morato afirma que o trabalho, os movimentos intersubjetivos incorporados em sua concepção de metalinguagem “impedem que só se possa postular em relação à reflexividade um caráter descritivo e referencial (que afirma da significação só que são relações semântico-lingüísticas)” (p.582). Poderíamos talvez assumir que a posição de que se afasta Morato é aquela em que a reflexividade é apontada apenas em sua referência ao que Jakobson chama de *código* (o repertório de possibilidades pré-concebidas da língua), ecoando a oposição saussuriana língua e fala.

Como pudemos observar em nossa pesquisa acima aludida, a concepção do sistema lingüístico jakobsoniano está baseada não só nas dicotomias saussurianas, mas também nas máximas peircianas como a de que “o sentido de um signo é outro signo pelo qual ele pode ser traduzido”, o que significa considerar a linguagem com um sistema semiótico entre todos os outros, com preponderância daquela sobre estes. Como assume Jakobson, só é possível uma interpretação do signo não lingüístico a partir do momento de domínio de “uma série de outros signos lingüísticos que funcionarão como ‘interpretantes’ do signo em questão” (1952:32).

Para Jakobson, a preocupação da Lingüística com esses diversos sistemas semióticos se estabelece em termos de sua correlação, de interdependência, mas não de constitutividade, como o é para Morato. A alusão ao elemento contextual ou situacional não-lingüístico, mas integrado ao lingüístico é feita na base da traductibilidade de um signo em outro, como em Peirce. Ao observar a dependência do contexto para os afásicos com distúrbio de similaridade, Jakobson exemplifica com uma situação em que o paciente “só poderia proferir o enunciado “chove” se de fato percebesse que estava chovendo” (1954:42). Aqui, podemos observar claramente como Jakobson não deixa de considerar o

contexto situacional da comunicação. No entanto, ainda que considere uma inter-relação entre as diferentes semioses, confere ainda supremacia à linguagem, “instrumento principal da comunicação informativa”, mantendo foco no significante (Cf. Salomão, 1999).

Assim, o caráter *metalingüístico* só se observa a partir da possibilidade de que o conteúdo em questão seja verbalizável. Ainda que o entendimento completo do enunciado não dependa apenas do conhecimento do *código*, e que elementos semióticos não-lingüísticos sejam necessariamente considerados, o autor subordina toda e qualquer semiose à preponderância do caráter lingüístico *stricto sensu*. Como já observado, a concepção funcionalista de Jakobson é bastante influenciada pela teoria de Bühler, de inspiração humboldtiana marcada pela presença do pensamento saussuriano.

Chamamos, então, atenção para uma aproximação teórica indireta entre o estruturalismo peculiar de Jakobson e perspectivas sócio-cognitivas atuais dedicadas aos estudos da linguagem e da afasia, pautando-nos pelas diferentes aplicações da idéia de *multi-funcionalidade* lingüística, que remete aos postulados humboldtianos que *grosso modo* observam a língua como modo de atividade. Atentamos aos esforços de Jakobson relacionados a uma perspectiva funcionalista que assinalou limitações de rígidas dicotomias estruturalistas, e entre elas a da relação entre forma e conteúdo, que teve naturalmente conseqüências em sua concepção de afasia como problema de metalinguagem.

A visada funcionalista bühleriana presente na obra de Jakobson inspira sua valorização de contextos lingüísticos não sistemáticos diferentes daqueles privilegiados em um estruturalismo estrito. Contudo, a mesma inspiração não deixa de se guiar pela explicação do conteúdo informacional comunicativo dos enunciados verbalizados, e não das condições subjetivas da enunciação. Ainda assim, apesar da estrutura binária de seu método analítico (como a distinção linguagem como objeto *vs* linguagem como comunicação, ou a distinção entre metalinguagem *vs* metalingüística), a inspiração funcionalista da reflexão do autor permite entrever um desconforto em relação a dicotomias clássicas, o que permite também a possibilidade de aprofundamento de uma perspectiva não internalista de metalinguagem.

#### **4. Considerações finais**

A partir da reflexão desenvolvida neste trabalho, pretendemos contribuir para o entendimento de questões centrais para a Neurolingüística atual, que segue da idéia da língua como código à idéia de língua como discurso e atividade constitutiva do conhecimento; de uma noção logicista/internalista de metalinguagem à noção de metalinguagem como integrada à linguagem e suas circunstâncias enunciativo-pragmáticas.

Sumarizando nosso percurso, observamos que foi possível, a partir deste estudo, destacar a reflexão de Jakobson acerca da relação entre metalinguagem e afasia como forma de assinalar 1) que distintas possibilidades conceituais da metalinguagem incorrem em distintas explicações das afasias, 2) que, historicamente, o ambiente teórico em que Jakobson formulou sua reflexão sobre afasia a condicionou a uma visada estruturalista particular, 3) que malgrado a estrutura binária (como a distinção linguagem como objeto versus linguagem como comunicação, ou a distinção entre metalinguagem *vs* metalingüística) presente de alguma forma na obra de Jakobson, a inspiração funcionalista da reflexão do autor coloca em destaque os esforços em direção à superação de dicotomias clássicas, 4) que a reflexão de Jakobson sobre as afasias, tomada em seu viés funcionalista, abre possibilidades para o aprofundamento de uma perspectiva não internalista de metalinguagem, 5) que a noção de metalinguagem, para continuar a ter relevância no conceito de afasia, demanda contornos explicativos mais definidos (por conta das distintas possibilidades conceituais que o termo carrega no campo lingüístico), 6) que certos deslocamentos teóricos a respeito da metalinguagem, inspirados em uma perspectiva pós-estruturalista, podem fornecer potencial explicativo de modo a superar dicotomias clássicas no campo da Afasiologia, que ora tratam a afasia como problema de linguagem, ora de pensamento.

A tomada da afasia como problema de metalinguagem implica uma outra via explicativa para o fenômeno, antes atribuído a conteúdos internos (ou ao pensamento categorial). Esse deslocamento teórico supõe que a afasia seja considerada uma questão lingüística. Além disso, enfatiza a centralidade dos processos referenciais na fala patológica, assim como o são, de maneira amplamente reconhecidos, na fala não-patológica. Apesar da estrutura binária de seu método analítico, a inspiração funcionalista da reflexão de Jakobson permite entrever um desconforto em relação a dicotomias clássicas, possibilitando também o aprofundamento de uma perspectiva não internalista de metalinguagem (e de cognição).

Algumas decisões teóricas atuais no campo da Neurolingüística (em torno, por exemplo, da dicotomia lingüístico *vs* cognitivo) certamente derivam ou dependem da maneira como se concebe, interpreta, investiga e enfrenta a afasia em termos teóricos e metodológicos. Vistas em retrospectiva, as reflexões de Jakobson sobre as afasias apontam de maneira produtiva para o futuro. O conhecimento qualificado de sua obra sobre o tema dá substância ao percurso teórico das posições mais externalistas no âmbito dos estudos afasiológicos. Seja por indicarem uma superação do impasse interno/externo nas relações entre linguagem e cognição, seja pela possibilidade de uma apreensão do caráter funcional da linguagem e outras semioses, que coloca em relação processos de significação verbais e não verbais, a retomada das idéias de Jakobson sobre o

tema é importante porque elas não deixam de assinalar os limites das abordagens internalistas relativamente à linguagem (e à cognição, naturalmente).

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRIVÉ, M. (1994) *Linguística e Psicanálise*. São Paulo: Edusp.
- BUSATO, V (2001) A noção de “metalinguagem” no campo da neurolinguística: um estudo enunciativo. Tese de mestrado. UNICAMP.
- DUCROT, Oswald e SHAEFFER, Jean-Marie (1995) *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris, Éditions du Seuil.
- FRANÇOZO, E. (1987) *Linguagem interna e afasia*. Tese de doutoramento. UNICAMP.
- ILARI, R. (2004) O Estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, Vol.3 (Fernanda Mussalin, Anna Christina Bentes orgs.). São Paulo: Cortez.
- JAKOBSON, R. (1952) *A linguagem comum dos lingüistas e dos antropólogos*. *Lingüística e Comunicação*. Trad: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1981
- \_\_\_\_\_. (1954) Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Lingüística e Comunicação*. Trad: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1981;
- \_\_\_\_\_. (1956) *El metalenguaje como problema lingüístico*. El marco del lenguaje.. México: Fondo de Cultura Económica, 1988;
- \_\_\_\_\_. (1960) *Lingüística e Poética*. *Lingüística e Comunicação*. Trad: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1981;
- \_\_\_\_\_. (1963) *Towards a linguistic classification of aphasic impairments*. In: *Selected writings II, Word and Language*. Paris: Mouton, 1971;
- \_\_\_\_\_. (1969) *Prefácio a Langage Infantin et Afasie*. Paris: Les Éditions de Minuit;
- \_\_\_\_\_. (1970) *A Lingüística em suas relações com as outras ciências*. *Lingüística, poética, cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. e POMORSKA, K (1980) *Similitude e contigüidade na língua e na literatura, no cinema e na afasia*. *Diálogos*. Tradução do francês: Elisa Angotti Kossovitchi. Cotejo com o original russo, alterações de acordo com este, tradução de trechos que faltavam no texto francês: Boris Schnaiderman e Léon Kossovitch. Tradução de alguns textos poéticos: Haroldo de Campos. São Paulo: Cultrix, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1984) *Une vie dans le langage*. Paris: Minuit.
- LANDI, R. (1994) *Com Jakobson, sobre a afasia*. In: *Fonologia: no sentido da linguagem*. (Maria Francisca Lier-De Vitto org.), (91-102). São Paulo: Cortez Editora.
- LEBRUN, Y. (1983) *Tratado de afasia*. São Paulo: Panamed editorial.
- LURIA, A. R. (1984) *Fundamentos de Neuropsicologia*. Trad: Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

- MORATO, E. M. (2001) Neurolingüística. In: Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, Vol.2 (Fernanda Mussalin, Anna Christina Bentes orgs.). São Paulo: Cortez.
- MORATO, E. M. (2003) O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos?. In: Saudades da língua. Eleonora Albano...[et al.] (orgs). Campinas: Mercado das Letras.
- SAUSSURE, F. de.(1916) Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1981.